

ISSN 2525-6904



ARTIGOS

## Estudos de Gênero nas Engenharias

Uma etnografia da primeira disciplina de “Introdução aos Estudos de Gênero” ofertada na Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia

Vitória Sacramento MOREIRA, *Universidade Federal da Bahia*

Caio Sérgio Silva SANTOS, *Universidade Federal da Bahia*

Jaqueline Nascimento SANTANA, *Universidade Federal da Bahia*

---

Esse artigo, fruto de trabalho etnográfico conduzido na Escola Politécnica da UFBA, em 2017, analisa a recepção das alunas e dos alunos de cursos das engenharias à disciplina de Introdução aos Estudos de Gênero (IEG). Ao contrário da maioria das disciplinas das engenharias, dominada por homens, a disciplina de IEG proporcionou um ambiente essencialmente feminino – e feminista – a esses estudantes. Como consequência, os estudantes homens tenderam a se mostrar mais acanhados em suas intervenções em sala e as estudantes mulheres, que a princípio disseram se sentir desconfortáveis com a dinâmica das aulas, ressaltaram a importância do curso para a formação profissional de diversas áreas. No geral, tanto estudantes homens quanto mulheres viram na disciplina de IEG uma oportunidade de exercitar habilidades, como a escrita e o pensamento crítico, que são negligenciadas em seus cursos porém importantes para a formação de bons cidadãos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos de Gênero. Gênero na Educação Superior. Engenharias.

---

## Introdução

Em busca de um tema para elaboração desta pesquisa etnográfica<sup>1</sup>, descobrimos, em sala de aula, que o colegiado do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (BEGD) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), no primeiro semestre de 2017, ministraria de forma inédita uma turma de Introdução aos Estudos de Gênero (IEG) à Escola Politécnica da UFBA, a pedido da coordenação da Politécnica. Naquele momento, elaboramos uma proposta de pesquisa etnográfica com o intuito de investigar as dinâmicas de gênero dentro da Politécnica a partir de uma etnografia das aulas de IEG que ali seriam ministradas. A escolha do nosso campo diz respeito a própria trajetória da Escola Politécnica da UFBA e das engenharias no Brasil.

A *Escola Polytechnica da Bahia*, hoje Escola Politécnica da UFBA, foi fundada em 14 de março de 1896, por iniciativa de Arlindo Coelho Fragoso, engenheiro formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Importa frisar que o fim do século XIX no Brasil foi marcado pela Proclamação da República, período no qual foi instituído um novo modelo de país pautado fundamental nas ideias positivistas, vide o lema grafado em nossa bandeira: Ordem e Progresso. Sendo assim, não é possível tratar a fundação da Escola Politécnica de maneira dissociada da fundação do Brasil enquanto República.

Apesar da importância das Escolas Politécnicas na construção de um “projeto de Brasil”, segundo Cabral (2010), as primeiras mulheres só começaram a se formar nas Escolas Politécnicas a partir da segunda década do século XX, sendo possivelmente Iracema da Nóbrega Dias, formada em 1921 pela Universidade de São Paulo (USP), a pioneira entre as engenheiras no Brasil (CABRAL, 2010). Ainda pensando em mulheres pioneiras, é fundamental destacar a importância de Enedina Alves Marques que, em 1945, foi a primeira mulher negra engenheira no Brasil e a primeira engenheira formada pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Paraná (CRUZ, 2017). Segundo dados de 2015 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), apesar das mulheres

---

1 Esse artigo é fruto de pesquisa conduzida no âmbito da disciplina Introdução à Antropologia de Gênero, ministrada pelo Prof. Dr. Felipe Bruno Martins Fernandes com a participação da tirocinista Naiara Maria Santana Neves e do monitor Igor Leonardo de Santana Torres, cursada pelos autores no primeiro semestre de 2017, como parte do currículo do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia.

serem 60% dos estudantes de ensino superior, elas são apenas 29,3% dos estudantes dos cursos de engenharia (TENENTE, 2017).

Diante da intrigante disparidade entre homens e mulheres nos cursos de engenharia, decidimos fazer um trabalho de campo através da observação etnográfica de duas aulas da disciplina, além de entrevistas presenciais de alunos e alunas das engenharias inscritas na disciplina. Nos dias 21 e 28 de julho de 2017, foram realizadas idas a campo e entrevistas com duas alunas (aqui denominadas Aluna A e Aluna B) e um aluno (aqui denominado simplesmente como Aluno), cada um estudante de um curso diferente de engenharia. As entrevistas com as Alunas A e Aluna B foram simultâneas, enquanto a entrevista com o Aluno foi feita de forma separada, por conta do agrupamento dos alunos na saída da aula.

Na próxima seção serão feitas breves considerações teóricas acerca dos estudos de gênero, explicitando-se o referencial teórico do trabalho, e acerca da presença de mulheres na educação superior. Em seguida, serão detalhados os achados da pesquisa de campo.

## Considerações Teóricas

O conceito de gênero é originário da linguística e, ao longo do tempo, migrou para a sexologia e depois para o feminismo (CARVALHO; RABAY, 2015). Atualmente, a distinção entre sexo e gênero corresponde à distinção entre biologia (sexo) e construções culturais das características consideradas femininas e masculinas (gênero). Tais construções, embora relacionadas à biologia, não derivam e nem estão sujeitas a ela (PISCITELLI, 2012). Historicamente, a apropriação do conceito de gênero pelas acadêmicas feministas buscou ressaltar a natureza eminentemente social da subordinação das mulheres, opondo-se ao uso histórico do determinismo biológico para justificar a mesma, devido à suposta fragilidade muscular e capacidade reprodutiva, no contexto da divisão sexual/social do trabalho (CARVALHO; RABAY, 2015).

O presente trabalho se insere na perspectiva teórica da antropologia feminista. Segundo Alinne Bonetti (2009), a antropologia feminista atual toma “a interseccionalidade das categorias gênero e poder como pervasiva e constitutiva do mundo social. [...] Gênero, como um sistema de prestígio, atravessa [...] o contexto, a agência e as práticas

de poder” (BONETTI, 2009, p. 108). A ênfase das análises recai, portanto, nas relações de poder e em como as mesmas constituem subjetividades e sentidos da ação. Mais especificamente, busca-se adotar uma perspectiva inspirada pela Teoria da Prática, que articula as práticas dos atores sociais e as estruturas que exercem coerção sobre essas práticas e que podem ser transformadas por elas. Conectando estrutura e agente, a Teoria da Prática rejeita o funcionalismo, o estruturalismo e o marxismo por considera-las teorias baseadas na coerção que, ao atribuir o comportamento humano a forças externas, acaba por deixar pouco espaço para a agência e as práticas sociais (ORTNER, 2006).

É inegável que a socialização masculina é diferenciada da feminina. Aos homens é imputada uma permanente masculinidade, uma forma de agir e lidar com outras pessoas que não pode ser desviada de um senso comum, que pressupõe formas viris e agressivas de relacionamento. Aliado a isso, as falas masculinas são frequentemente vistas como normas e se sobrepõem às femininas.

Em todos os meios sociais em que exista relação entre homens e mulheres, é possível constatar a superioridade da masculinidade sobre a feminilidade, e os ambientes acadêmicos não são exceção. Como consequência, a fala feminina é frequentemente marginalizada ou silenciada, e, em tais ambientes, a verdade racional – vista como única – é, através da retórica universalista, implicitamente ligada à verdade dos homens. A omissão da identidade de gênero do pesquisador – que, durante a maior parte da história foi um sujeito masculino –, em um trabalho acadêmico, não só menospreza a influência do estudioso sobre o que é estudado (pois não há neutralidade) como institui a fala masculina como verdade imutável e universal. Não obstante essa barreira sociocultural – e tantas outras barreiras práticas –, os espaços de fala e produção acadêmicos vêm sendo reivindicados pelas mulheres, que têm conseguido maior visibilidade e dentro da academia, onde, no entanto, ainda existem espaços predominantes masculinos e femininos.

Na divisão sexual do trabalho, o trabalho masculino é separado do feminino e valorizado em detrimento desse. Segundo Andreia Barreto (2014),

Os diversos estereótipos atribuídos aos gêneros moldam, definitivamente, o significado atribuído às ocupações e às carreiras, pois é comum o entendimento de que há carreiras mais afeitas às mulheres e carreiras propriamente masculinas. Como consequência, o gênero também influencia no valor social atribuído às ocupações no

mercado de trabalho e atua do mesmo modo na universidade, onde as mulheres, ainda que presentes em número crescente, não se distribuem de modo uniforme pelas diferentes 'vocações' (BARRETO, 2014, p. 10).

Os cursos mais femininos, que concentram menos de 10% de estudantes do sexo masculino, permanecem associados ao cuidado e à educação. Já os cursos mais masculinos, que também apresentam baixíssimo percentual de presença feminina, são aqueles ligados à área tecnológica, como as engenharias (BARRETO, 2014, p. 10).

Em relação à inserção feminina na educação no Brasil, as primeiras políticas públicas com foco na inclusão e na valorização da mulher foram implantadas a partir da década de 1980 (BARRETO, 2014). No entanto, "foi apenas na década de 1990 que as questões de gênero ganharam visibilidade na pesquisa e na política educacional brasileira" (CARVALHO; RABAY, 2015, p. 121). Atualmente, os estudos de gênero ainda são marginalizados nos currículos de maioria dos cursos superiores (CARVALHO; RABAY, 2015).

Segundo Barreto (2014), "o fato de as mulheres serem maioria entre estudantes universitários brasileiros é um evento relativamente recente, considerando que, em 1956, elas representavam 26% do total de matriculados/as e, em 1971, não passavam de 40%" (BARRETO, 2014, p. 14). No entanto, é importante se atentar para o recorte de raça dentre essas mulheres. Ainda segundo Barreto (2014), em 2010, as mulheres negras permaneciam sub-representadas no ensino superior, correspondendo a menos de 5% dos/as estudantes (BARRETO, 2014, p. 43).

Em relação aos cursos de engenharia, a predominância masculina é visível e socialmente estabelecida como norma. Segundo dados de 2011 do INEP/ Enade, "das oito áreas específicas da carreira, sete apresentaram número de homens bastante superior ao de mulheres, sendo duas áreas com mais de 90% de estudantes do sexo masculino, três áreas com média de 75%, duas em torno de 63%" (BARRETO, 2014, p. 28). Segundo uma pesquisa feita por Lindamir Casagrande e Ângela Souza (2016) sobre discursos de homens e mulheres estudantes de engenharia e licenciaturas em duas Universidades brasileiras, há um estranhamento das pessoas do convívio social de meninas e mulheres que escolhem um curso de engenharia por conta dessa escolha. Segundo a pesquisa, muitas meninas e mulheres tentaram sofrer tentativas de dissuasão pelo caráter difícil do curso, pressupondo que as mesmas não

dariam conta dos estudos. Não obstante, as autoras ressaltam que, apesar da predominância de homens nas engenharias, o cenário aparente é de mudança (SOUZA; CASAGRANDE, 2016).

## **Etnografia**

Nas aulas observadas, verificou-se uma turma com muitas pessoas matriculadas mas com baixa frequência. A primeira surpresa deu-se por conta do fato de que a turma não é composta somente por alunas e alunos das engenharias mas também – e majoritariamente – por alunas e alunos dos Bacharelados Interdisciplinares da Universidade. Assim, por não sabermos quais alunos dentre os presentes eram estudantes de engenharia, a observação foi parcialmente prejudicada. Não obstante, diversos fatores puderam ser pontuados.

Apesar da disciplina ser vista, pelos entrevistados, como intimamente relacionada aos movimentos feministas, não há grande disparidade entre o número de matriculados do sexo feminino e do sexo masculino, o que, não entanto não se expressou no número de presentes nas aulas observadas. Na primeira aula observada, o número de mulheres superava em mais que o dobro o número de homens (12 mulheres, contando a professora que ministra as aulas, e 5 rapazes). Na segunda aula, essa discrepância foi ainda maior (foram 13 mulheres, contando com a professora, para 3 homens).

Durante as aulas, foi possível observar uma maior interação por parte das alunas do sexo feminino – mais especificamente, por parte das alunas do Bacharelado Interdisciplinar –, havendo intervenções ocasionais por parte dos alunos que, em sua maioria, optaram por se manter fisicamente distantes da professora. Mesmo com a organização da em formato de “U”, incentivando a interação, a maior parte dos alunos homens optou por se sentar atrás das cadeiras do “U”. Ao contrário dos alunos homens, as mulheres se mostraram muito mais à vontade com os temas das aulas, comportamento atribuído ao fato de que estão mais próximo da realidade de cada uma delas os temas relacionados a mulheres, feminismo, e silenciamento. Em uma das aulas, algumas mulheres ofereceram relatos de abusos sofridos, discurso que comoveu várias alunas.

A predominância de mulheres pode ser vista como fator que estimulou e incluiu discursos femininos, o que é incomum para as alunas

e alunos das engenharias. Não obstante, essa predominância também foi vista como inibidora da participação masculina. Para a Aluna B, pelo fato de a disciplina tratar de feminismos, os homens se inscreveram por curiosidade. Para a Aluna A, os homens evitam a disciplina para não se sentirem afetados, não “pararem para pensar”.

Durante as aulas, os homens fizeram poucas anotações, na sua maioria relacionadas às avaliações e trabalhos que fazem composição de notas. Nos momentos de fala da professora e das colegas, não demonstraram muito interesse. Alguns deles mexiam nos celulares, e houve pouquíssimas intervenções quanto ao conteúdo. Em uma das aulas houve apenas duas intervenções masculinas: em um momento um aluno fez relatou um caso pessoal e depois fez um comentário de cunho teórico. No entanto, foi breve em ambas as intervenções e não manifestou nenhuma opinião crítica. Em relação à interação com as colegas, o Aluno entrevistado afirmou que não se sentia confortável para falar durante as aulas.

**Entrevistadora:** *Você tem contato com as meninas da turma?*

**Aluno:** *Não. Tenho contato com... Tem uma amiga que pega comigo então meu contato maior é com ela, que a gente senta junto e conversa um pouco*

**Entrevistadora:** *Você acha que as pessoas dessa matéria são mais abertas para o diálogo, no quesito geral?*

**Aluno:** *Com certeza... No quesito geral... É complicado, de certa forma, porque, ao mesmo que elas sejam mais abertas ao diálogo o tema a ser tratado aqui não é um tema que eu me sinta confortável a falar. Eu me sinto confortável a ouvir, entendeu?*

Apesar de, no caso de ambas as entrevistadas, o interesse inicial por temas de gênero tenha partido de acontecimentos pessoais – seja a descoberta da orientação sexual ou a convivência com uma pessoa não-binária –, ambas valorizam positivamente o conteúdo assimilado até então. Para a Aluna A, única estudante mulher de seu curso, a impressão sobre a disciplina, até o momento, era “muito positiva”, pois as opiniões dadas em sala a fazem refletir sobre as dificuldades que a mesma passa enquanto mulher. Ainda, a convivência com pessoas diferentes do seu círculo social foi visto como positivo por ela:

**Aluna A:** *A turma é muito plural e tem muitas pessoas diferentes da minha convivência normal e ouvi-las tem sido muito enriquecedor*

*pra mim, até abordei a menina de Direito para conversar. Tem pessoas muito diferentes do que estou acostumada a conviver.*

Em relação ao Aluno, o mesmo disse esperar que a disciplina oferecesse mais conteúdo em relação a estudos de gêneros e sexualidade, teorias *queer* e questões LGBT mas, mesmo assim, não ficou insatisfeito quanto ao conteúdo. A expectativa de aprendizado sobre teorias *queer* também foi compartilhada pela Aluna B, que esperava mais conteúdo que questiona o binarismo de gênero mas que considera interessante a forma como os diferentes feminismos são apresentados.

A surpresa com o ambiente intimista da sala de aula, contrastante com o ambiente das disciplinas técnicas das engenharias, foi um ponto ressaltado pelas entrevistadas. A própria disposição da sala em “U” foi vista como algo diferente e positivo, e a abertura da professora para falas de cunho pessoal foi visto como proporcionador de mais diálogo. Segundo a Aluna A, “o ambiente deixa mais aberto ao diálogo, a professora deixa mais à vontade para expor nosso ponto de vista, até a própria forma de organizar as cadeiras”. No entanto, tal questão foi parcialmente vista como incômoda pela Aluna B, pois houve a impressão que algumas das alunas utilizava o espaço da aula para desabafar sobre questões pessoais não relevantes ao aprendizado.

**Entrevistadora:** *Quais são suas impressões sobre os colegas até agora?*

**Aluna B:** *No geral as contribuições são boas mas às vezes fogem um pouco do tema. Tem uma pessoa específica que parece que faz terapia.*

No geral, o motivo mais ressaltado pelos entrevistados ao buscar a disciplina foi a falta de pensamento crítico nas matérias de seus cursos. Ao serem indagadas sobre a similaridade do conteúdo da disciplina com o conteúdo a que estão habituadas, ambas foram enfáticas ao ressaltar que a diferença entre os mesmos era um ponto positivo.

**Entrevistadora:** *A matéria se relaciona às outras do curso? Como?*

**Aluna A:** *Não, nem um pouco. Graças a Deus [fala ao mesmo tempo que a Aluna B].*

**Entrevistadora:** *Como você avalia a importância dessa matéria para o seu curso e para o ensino universitário em geral?*



*Aluna A: Pro meu curso, nenhuma, mas para mim, como pessoa, eu achei muito importante e acho que as pessoas de engenharia devem ter mais matérias de... Humanas em geral, porque aqui as pessoas são muito... fechadas, muito **padrãozinho** [ênfase no termo].*

Questionado sobre a utilidade do conteúdo da disciplina para os estudos do seu curso, o Aluno diz que, nas matérias técnicas, não vê nenhuma utilidade acadêmica mas, em relação às matérias de gestão de pessoas, a disciplina pode ser útil. No entanto, ele ressalta que a disciplina contribui para o seu crescimento pessoal.

Mesmo no ambiente majoritariamente feminino estudado, algumas estudantes demonstraram pouca familiaridade em relação ao movimento feminista e os termos da sua militância, o que foi mais acentuadamente observada entre os alunos homens. Em uma das aulas, uma estudante do BI de humanidades disse à professora que alguns dos termos utilizados em um dos textos trabalhados em aula sobre feminismo liberal eram simplesmente um “universo novo” que ela não conseguia visualizar os conceitos no seu cotidiano anteriormente à entrada na disciplina. Tal estranhamento também apareceu na fala das entrevistadas:

*Aluna A: Eu não uma pessoa que tem ainda um discurso formado, uma opinião formada, um posicionamento completo acerca de ser feminista, sou feminista dentro dos meus privilégios mas ainda não consegui enxergar fora*

*Entrevistadora: Qual foi a sua motivação para fazer essa matéria?*

*Aluna B: Quando eu entrei na UFBA já entrei na visão de que ia pegar alguma de humanas em algum momento. A matéria de IEG foi porque queria mais informação teórica mesmo. Quando me descobri bi, resolvi pesquisar e aí descobri coisas. Mas de feminismo mesmo nunca tinha pesquisado.*

A Aluna A, que veio de uma Universidade em outro estado, contou que, na sua Universidade anterior, tinha que se deslocar de campus para ter aulas das disciplinas obrigatórias de humanas. No entanto, avalia a experiência como positiva:

*Aluna A: Era bom e importante porque te forçava a ficar lá, a pensar e a ler. Muitas pessoas tem preconceito de Humanas mas é importante voltar a ler e escrever, que é um exercício que não é feito nas matérias da faculdade.*

No geral, a pesquisa etnográfica evidenciou uma grande curiosidade pelos estudos de gênero no campo das engenharias. As duas alunas entrevistadas se mostraram atraídas pelo curso por motivos diferentes mas ambas se mostraram satisfeitas com o aprendizado. Para além do engajamento nas discussões em sala, foi observada uma socialização intencional com alunas de outros cursos, a fim de entrar em contato com pessoas diferentes do perfil das que estão habituadas a conviver. A Aluna A sugeriu, através de um contato informal com uma das entrevistadoras, promover um evento sobre estudos de gênero direcionado às alunas e alunos da Escola Politécnica, de forma a ajudar a quebrar o tabu em torno do tema.

Não obstante o entusiasmo, foi possível verificar que os estudos de gênero ainda são rodeados, para essas alunas, como um tabu. Ambas as Alunas A B demonstraram escolher as palavras cuidadosamente ao falar sobre homossexualidade, identidade de gênero e privilégios. Ainda, foi possível perceber uma cautela em soar ofensiva para com as entrevistadoras, mesmo durante as conversas informais.

Para o Aluno, a escolha por cursar essa disciplina foi rechaçada por amigos. Perguntado acerca da reação dos colegas de curso sobre a escolha de cursar a disciplina, o mesmo, que já cursou outras matérias das Ciências Humanas nos espaços da sua grade horária, ressaltou a reação de surpresa dos mesmos.

***Aluno:** Rolou aquela, tipo... ‘Sério?’ (risos) Menino, por que você tá fazendo isso? [...] Por que você está fazendo isso com você? Não, Deus me livre...*

O tabu em torno dos estudos de gênero pode ser um dos fatores que acarretou uma divulgação precária da oferta da disciplina no curso da Aluna B, que soube da mesma através da Aluna A. Para o Aluno, houve divulgação da mesma mas não houve um interesse correspondente por parte do alunado do seu curso:

***Aluno:** Na verdade houve essa divulgação. As pessoas normalmente não levam em conta*

***Entrevistadora:** É que a gente pensou mesmo que não fosse ter essa divulgação...*

***Aluno:** Não, teve. Tanto que eu me inscrevi mesmo porque a aula ia ser na Politécnica.*

Questionadas em relação ao machismo dentro de seus cursos, a Aluna A disse que nunca passou por nenhuma situação constrangedora, mas que tem professores que fazem piadas machistas durante as aulas e que, por vezes, foi diminuída em relação à sua capacidade de trabalhar por ser mulher.

*Aluna B: Piadinha já ouvi de professor substituto [...] aquele pegar no pé da aluna bonitinha... Tem caso também aqui de professor de mecânica que é recorrente, comentário absurdo...*

Apesar dos casos mencionados, para a Aluna B, o caráter misto do seu curso, com grande número de mulheres, permite que casos de assédio sejam criticados pelas alunas. Segundo ela, “há uma reação feminina”.

O recorte de raça foi um dos pontos observados em campo. Diante de uma discussão sobre o movimento feminista dentro da Universidade, uma aluna negra deu seu depoimento sobre a participação de um coletivo de mulheres de um curso tradicional. Segundo a mesma, ela é “tratada como empregada” pelas outras participantes do coletivo, mesmo sendo do mesmo curso e defensora da mesma causa. O relato trazido pela aluna trouxe indignação por parte das outras alunas presentes, que concordaram ao ouvir que “não é porque alguém é feminista que é legal”.

## Conclusão

Para as alunas e alunos das engenharias, a disciplina de Introdução aos Estudos de Gênero se mostra um espaço para exercitar habilidades não trabalhadas nas suas grades curriculares, como a leitura, a escrita e o pensamento crítico. Ainda, é um espaço para encontrar pessoas de diferentes ambientes e orientações políticas do que as alunas estão acostumadas. Embora as alunas e o aluno entrevistados tenham mostrado pouca familiaridade com os feminismos, foi possível perceber um interesse por parte dos mesmos nos temas feministas e a ideia de que os estudos de gênero são importantes para a formação universitária no geral.

Por ser um ambiente majoritariamente feminino, pôde-se perceber um acanhamento por parte dos homens, que, na maioria dos lugares da sociedade, costumam estar em posição de privilégio. Nas aulas de IEG, no entanto, o equilíbrio de poder favorece as mulheres, e,

em especial, aquelas das áreas de humanidades, que se mostram mais à vontade para fazer intervenções críticas e polêmicas.

As mulheres das engenharias, por sua vez, se deparam com um ambiente inusitado, no qual o protagonismo é essencialmente feminino. Tal surpresa, por um lado, impulsiona uma maior socialização com pessoas de outros cursos, mas, por outro, causa estranhamento, principalmente diante de práticas tomadas como incomuns ou inapropriadas para um ambiente de sala de aula – a exposição de caos pessoais, a demonstração de afetos, etc.

Embora minoria em seus cursos, as alunas entrevistadas não se mostraram ameaçadas pela predominância masculina. Mesmo relatando casos de machismo, elas não se mostram desestimuladas de seus estudos. Ao contrário, buscam formações complementares em outras áreas para que sejam profissionais mais completas. Nesse sentido, é possível concordar com Souza e Casagrande e dizer que, embora o machismo nas engenharias persista, ele é confrontado pela determinação e persistência de suas mulheres.

## **Referências Bibliográficas**

BARRETO, A. A Mulher no Ensino Superior: distribuição e representatividade. *Cadernos do GEA*, n. 6. Rio de Janeiro: FLACSO, GEA, 2014.

BONETTI, A. Etnografia, gênero e poder: Antropologia Feminista em ação. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v.14, n.2, 2009.

CARVALHO, M.; RABAY, G. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 23, n 1., 2015, p. 119-136.

CABRAL, C. Pioneiras na Engenharia. VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero, 2010. Disponível em: < [http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/eventos/cictg/conteudo\\_cd/E2\\_Pioneiras\\_na\\_Engenharia.pdf](http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/eventos/cictg/conteudo_cd/E2_Pioneiras_na_Engenharia.pdf)>. Acesso em: 5 set 2017.

CASAGRANDE, L.; SOUZA, A. Para além do gênero: mulheres e homens em engenharias e licenciaturas. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 24, n3, 2016, p. 825-850.

CRUZ, D. Enedina Alves Marques. Primeira engenheira negra do Brasil. *Fundação Cultural Palmares*, 2017. Disponível em: < <http://www.palmares.gov.br/archives/44290>>. Acesso em: 5 set 2017.

ORTNER, S. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornélia; FRY, Peter. (Orgs.). *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. 25<sup>a</sup>. RBA, Goiânia (2006). Blumenau: Nova Letra, 2007. p. 45-80.

PISCITELLI, A. Sexo e gênero. In: LIMA, Antônio Carlos de Souza (org). *Antropologia & Direito: temas antropológicos para estudos jurídicos*. Rio de Janeiro/Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012.

TENENTE, L. Após 15 anos, mulheres continuam sendo minoria nos cursos universitários de ciência. *G1 Educação*, 8 mar de 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/apos-15-anos-mulheres-continuam-sendo-minoria-nos-cursos-universitarios-de-ciencia.ghtml>>. Acesso em: 5 set 2017.

## Gender Studies in Engineering: an ethnography of the “Introduction to Gender Studies” course at the Polytechnic School of the Federal University of Bahia

**ABSTRACT:** This article, which results from ethnographic work conducted at the Polytechnic School of UFBA in 2017, analyzes the reception of the discipline Introduction to Gender Studies among Engineering students. Unlike the mainly male-dominated engineering disciplines, the IGE course provided an essentially feminine - and feminist - environment for these students. As a consequence, male students tended to be more circumspect in their classroom interventions and female students, who at first said they were uncomfortable with the way the classes were conducted, emphasized the importance of the course for the professional formation in many fields of study. In general, both male and female students saw in the IGE course an opportunity to exercise skills, such as writing and critical thinking, which are neglected in their courses but seen as important for building good citizens.

**KEYWORDS:** Gender studies. Gender in Higher Education. Engineering.

**Vitória Sacramento MOREIRA**

*Graduada em Relações Internacionais (UnB, 2015). Estudante do Bacharelado de Estudos de Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia (BEDG/UFBA). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal da Bahia (PPGRI/UFBA)*

**Caio Sérgio Silva SANTOS**

*Graduado em Direito. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia (PPGNEIM/UFBA).*

**Jaqueline Nascimento SANTANA**

*Estudante do Bacharelado de Estudos de Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia (BEDG/UFBA).*

*Recebido em: 12/08/2018*

*Aprovado em: 15/08/2018*